

O LUGAR JUDAICO NA OBRA DE MOACYR SCLiar: MEMORIA E NARRATIVIDADE THE JEWISH PLACE IN MOACYR SCLiar'S WORK: MEMORY AND NARRATIVITY

CRISTIANE DUARTE
ILANA SANCOVSCHI

Cristiane Rose Duarte é arquiteta e doutora em geografia. Professora Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadora do Laboratório "Arquitetura, Subjetividade e Cultura". Estuda projeto do espaço urbano, aspectos culturais da construção do espaço, acessibilidade e etnografia da cidade nas áreas.

Iana Sancovschi é arquiteta e Mestre em Arquitetura. Pesquisadora no Laboratório "Arquitetura Subjetividade e Cultura", do Programa de Pós Graduação em Arquitetura, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Como citar esse texto: DUARTE, C.; SANCOVSCHI, I. O lugar judaico na obra de Moacyr Scliar: memória e narrativa. VIRUS, São Carlos, n. 15, 2017. [online] Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/_virus15/?sec=4&item=3&lang=pt>. Acesso em: 12 Dez. 2017.

Resumo

Neste artigo apresentamos um estudo de caso que se indagou sobre a existência de um "Lugar Judaico" como um lugar coletivo construído no imaginário de um povo diaspórico. A partir desse estudo de caso, foi possível demonstrar que as narrativas, inclusive as literárias e ficcionais, acionam, constroem e colocam em continuidade as memórias tendo, desta forma, a capacidade de reafirmar e consolidar o entendimento de um lugar coletivo imaginário que conecta indivíduos mesmo que dispersos no território físico. Nesse sentido, refletimos aqui sobre processos de construção e preservação de memórias afetivas na consolidação de Lugares, demonstrando ainda a importante contribuição das narrativas nesses processos. O estudo se apoia em uma análise das subjetividades dos espaços por meio da leitura de duas obras de Moacyr Scliar, que parecem delimitar um lugar cultural específico vivenciado centralmente por personagens judeus.

Palavras-chave: Memória coletiva, Narrativa, Ambiência, Judaísmo

Introdução

Os avanços e barreiras criadas pelo que hoje entendemos como um processo de globalização vem sendo debatidos em diversas áreas, inclusive na arquitetura. Na década de 80, Frampton (1982) escreve um ensaio, que se tornará referência no campo da arquitetura¹. Nesse ensaio Frampton dialoga com o texto escrito por Paul Ricoeur (1968 [1961]), intitulado "Civilização Universal e Culturas Nacionais". O texto de Ricoeur apresenta um paradoxo: "Como tornar-se moderno e voltar às raízes; como reviver uma civilização antiga e adormecida e participar da civilização universal..." (RICOEUR apud FRAMPTON, 2003.p.381), embora coloque-se reticente ao resultado de uma cultura de diálogo que possibilite novos encontros, Ricoeur afasta a ideia do encontro colonizador, que vem sendo sucessivamente implementado frente à diversidade e promovendo cada vez mais um fenômeno de universalização. Nesse sentido, a proposta de Frampton é justamente o diálogo, ao estabelecer seis pontos a serem adotados para uma arquitetura que tenha a capacidade de resistir diante de uma homogeneidade inerente à sociedade moderna em avanço progressivo.

O ensaio de Frampton, citado acima, abre uma discussão no campo da arquitetura ainda atual nos dias de hoje. Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida veio buscar referência em lugares construídos no imaginário que se estabelecem como resistência à ideia de universalização das cidades, dos lugares habitados.

A referida pesquisa focou seu estudo de caso na cultura judaica, uma cultura que permanece relevante através de tempos reinventando-se e mantendo-se viva apesar de diversos processos de desterritorialização e assimilação. Buscou-se, então, dentro deste paradoxo “ser moderno e voltar às raízes”, as características que configuravam uma ideia de um lugar cultural específico, que seria capaz de transcender os avanços impostos pela modernidade. Trata-se, assim, de ir ao encontro de uma percepção de lugar cultural que se destacaria dos demais lugares.

A partir desses questionamentos indagamo-nos se esse Lugar seria construído a partir de uma “memória coletiva” (HALBWACHS, 1990), reafirmando-se e consolidando-se através de ambiências reais e imaginadas. Um lugar virtual que, mesmo não constituindo território físico, se espalharia em um território simbólico representando uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008²), um sentimento de pertencimento.

Como ferramenta metodológica foi usada uma análise literária para buscar a existência de um consenso, de um entendimento subjetivo do espaço, para o encontro de um lugar de resistência cultural. A pesquisa que está na base deste artigo nos levou a refletir sobre memória e narratividade, encontrando grandes contribuições da narrativa nos processos de construção de memórias afetivas e fortalecimento de memórias coletivas. Ao final da pesquisa, verificou-se que as narrativas, mesmo as literárias e ficcionais, têm a capacidade de acionar, “construir” e colocar em continuidade memórias que compõem um Lugar coletivo imaginário, lugar esse, que como outros lugares imaginários, complementam a configuração das cidades contemporâneas.

2 As narrativas na construção do mundo contemporâneo.

Para falar de espaços e lugares, reais e imaginários, que se constroem e se consolidam por meio de narrativas contadas ou escritas, torna-se relevante a compreensão do que entendemos por narrativa e suas relações.

Barthes (1976 [1966]) fala das várias formas de narrativas, e também como os diversos grupos humanos se vinculam a elas. Segundo o autor, a narrativa sempre existiu, sendo importante forma de transmissão de ideias e vínculo forte nas relações interpessoais. A narrativa ultrapassa fronteiras nacionais, temporais e culturais. Barthes fala ainda de uma renovação e multiplicação das formas de narrativa na contemporaneidade. Esse imperativo da narrativa, que parece hoje ser intransponível, segundo o autor, nem sempre foi considerado desta forma. Em um artigo intitulado “O Narrador”, Benjamin (1987 [1936]), após discorrer sobre a importância e o refinamento da construção narrativa, defende que a modernidade propiciaria o expansivo desaparecimento da figura do narrador.

Uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo. [...]. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos dos campos de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. (BENJAMIN, 1987, p.198).

É certo que momentos sombrios calaram e seguem calando narradores. Falando especificamente do grupo com o qual trabalhamos na pesquisa, entre os judeus, a geração que vivenciou a experiência traumática do Holocausto permaneceu calada por anos, privando uma geração inteira de suas narrativas, de seu testemunho. Hoje, no entanto, sabe-se que este testemunho é essencial para a continuidade da história do povo e da humanidade. Acreditamos, assim, que o resgate da “faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1987) coloca em evidência memórias vividas e memórias construídas, nos levando a experienciar o lugar do outro, relativizando nossos lugares ou ainda construindo e consolidando lugares imaginários, como mostraremos em nosso estudo de caso. Nesse sentido, as narrativas tornaram-se importantes peças na construção do mundo contemporâneo, assim como na construção das cidades contemporâneas, colocando-se como uma forma de testemunho, de denúncia, de reafirmação identitária e cultural, além de nos levar ao entendimento de nossos espaços e lugares.

Trabalhando mais a fundo o próprio conceito de narrativa, Paul Ricoeur (2008) discute a respeito da aproximação entre temporalidade histórica e narrativa, atento ainda às questões da memória. Segundo Ricoeur, somente a narrativa, que propõe uma ordenação sequencial de eventos dispersos, nos permite compreender a experiência do tempo humano, do tempo histórico. A narrativa nos permite pensar nossa temporalidade, nossa historicidade. Para nós, pesquisadores no campo da Arquitetura e Urbanismo, contudo, chama atenção a associação proposta por Ricoeur entre tempo, narrativa e espaço.

Em “A Memória, a História e o Esquecimento” (RICOEUR, 2008), o autor aborda a questão do *espaço habitado*, onde associa o destino do espaço ao destino do tempo. “Ao passar da memória à historiografia, mudam de signo conjuntamente o espaço no qual se deslocam os protagonistas de uma história narrada e o tempo no qual os acontecimentos narrados se desenrolam” (RICOEUR, 2008, p.156). Esse cruzamento entre tempo e espaço é exemplificado por Ricoeur com o testemunho da expressão: “eu estava lá”.

O imperfeito gramatical marca o tempo, ao passo que o advérbio marca o espaço. É em conjunto que o aqui e o lá do espaço vivido da percepção e da ação e o antes do tempo vivido da memória se reencontram enquadrados em um sistema de lugares e datas do qual é eliminada a referência ao aqui e ao agora absoluto da experiência viva. (RICOEUR, 2008, p.156).

É exatamente esse enlaçamento das noções de tempo e espaço, atravessadas uma pela outra, que nos possibilita a sustentação de uma história, de uma narrativa, que permitirá a transmissão de um testemunho da experiência individual ou coletiva dos lugares que vivemos, como vivemos e o que esperamos. Podemos dizer, portanto, que as narrativas (literárias ou não) se apresentam como um testemunho da experiência individual e coletiva do narrador, que viveu e esperou em determinado tempo e espaço.

No texto "Arquitetura e Narratividade", Ricoeur (1998) aprofunda ainda mais a associação tempo, narrativa e espaço. Nesse texto, o autor traça um paralelo entre a arquitetura e a narratividade, no qual "a arquitetura seria para o espaço o que a narrativa é para o tempo" (RICOEUR, 1998, p.44). Por meio dos mesmos marcos de análise usados em "Tempo e Narrativa" (RICOEUR, 1994), o autor demonstra que arquitetura e narratividade se constituem em movimentos paralelos, onde a narratividade é descrita no tempo e a arquitetura no espaço. Acompanhamos então os três estágios citados pelo autor. Na "prefiguração", a narrativa está associada à vida cotidiana, enquanto que a arquitetura está conectada ao ato de habitar. Na "configuração", narrativa e vida cotidiana se descolam, e o tempo narrado é construído através de formas literárias; enquanto que no plano espacial, se estabelece um estágio efetivamente intervencionista ligado ao ato do construir, o projeto arquitetônico. Finalmente o terceiro estágio, citado pelo autor, é o da "refiguração", onde se estabelece uma situação de leitura e releitura que ocorre também sob o ângulo do espaço. Neste se estabelece a leitura e releitura de cidades e de todos os lugares de habitação.

Ricoeur (1998) levanta ainda a possibilidade de um entrecruzamento ainda mais verdadeiro entre a "configuração" arquitetural do espaço e a "configuração" narrativa do tempo:

Em outras palavras, trata-se de cruzar espaço e tempo através do construir e do contar. Tal é o horizonte dessa investigação: embaralhar a espacialidade da narrativa e a temporalidade do ato arquitetural pelo intercâmbio, de certa forma, entre espaço-tempo nas duas direções. Poder-se-á assim encontrar, ao final, sob a condução da temporalidade do ato arquitetural, a dialética da memória e do projeto no próprio seio dessa atividade. (RICOEUR, 1998, p.44).

Propomos-nos, então, a seguir esse embaralhamento entre tempo e espaço. Porém, no lugar de buscarmos a dialética da memória e do projeto na arquitetura, a buscamos na narrativa. Para isso, tomamos o projeto arquitetônico, mencionado por Ricoeur, não somente como "projeto arquitetônico em seu sentido técnico, mas principalmente ao projeto de lugares como resultado de aspirações coletivas e individuais do homem" (DUARTE et.al, 2007). Nesse sentido, a narrativa funcionaria também como o ato arquitetural, construindo lugares no imaginário, lugares esses que, sob nosso ponto de vista, acionam memórias e reverberam no imaginário coletivo, na memória coletiva, através do estágio de "refiguração". Assim, na "prefiguração" a narrativa estaria conectada à vida cotidiana, ao ato de habitar, na "configuração" uma forma literária abarcaria a memória de tempo e espaço vividos, construindo no imaginário os reflexos da vida cotidiana e do ato de habitar e, finalmente, no estágio de "refiguração" a leitura e releitura da narrativa consolidariam os lugares imaginários por ela construídos. Desta forma, nossa pesquisa vai ao encontro do pensamento de Ricoeur quando afirma que "a narrativa projeta no futuro o passado rememorado" (RICOEUR, 1998, p.45).

O estudo que apresentamos neste artigo trabalha com narrativas já consolidadas, ou seja, elas já se encontram em um estágio de "refiguração". Acreditamos, portanto, que ao acompanharmos – através da leitura e releitura – as narrativas da obra de Moacyr Scliar, estamos vivenciando um passado rememorado no presente, contribuindo para uma consolidação de seus lugares no imaginário futuro. Assim, sustentamos que o "Lugar Judaico" que vemos emergir das narrativas faz o elo entre passado-presente-futuro, projetando-se como um "Lugar coletivo imaginário".

3 Entendendo os espaços a partir de sua complexidade

Tendo compreendido as questões que envolvem a narrativa nas relações com tempo, espaço e cultura, passamos a conceitos mais familiares ao campo da Arquitetura e Urbanismo, e seu exercício profissional.

Na sociologia, Castells (1999) apresenta o espaço como "um suporte material de práticas sociais de tempo compartilhado" (CASTELLS, 1999, p.500). Nesse sentido, vida social e espaço são indissociáveis, no entanto o autor trata o espaço como matéria inerte, suporte para as relações ali presentes.

Por este motivo, fomos buscar na geografia humanista de Tuan (1983) uma perspectiva experiencial, que vai determinar a compreensão do espaço (e do lugar) na sua relação com o corpo, com o indivíduo. Para Tuan, o que se entende por espaço - amplo, aberto, sem definições - acaba por se tornar Lugar ao passo que o reconhecemos e o significamos. O processo de significação e identificação dos espaços se dá através da experiência, podendo ocorrer de modo individualizado e intuitivo³, ou de modo intencional⁴, onde o ser humano e o espaço se constituem simbioticamente. Uma vez que nos interessa as relações indivíduo-indivíduo (presentes no espaço), mas também as relações indivíduo-espaço, optamos por trabalhar com uma ideia de espaço relacional, onde o espaço é suporte, mas também agente.

Essa concepção de espaço nos levou ao conceito de Ambiência Sensível⁵. A ambiência funciona como mediador, agenciando e sendo agenciada pelas relações entre indivíduo (s) e espaço, importando ainda as relações sociais e culturais ali estabelecidas. A partir deste conceito, entendemos o espaço, não somente pela sua dimensão física, mas também por dimensões sensíveis, sensoriais e dinâmicas. A "ambiência é tanto subjetiva quanto objetiva. Ela envolve a experiência vivida pelas pessoas assim como o ambiente construído" (THIBAUD, 2011. p.1, tradução nossa). A experiência vivida seria, portanto, uma experiência de abstração fundamentada em várias dimensões, sejam elas visual, tátil, cinética ou sonora (...) que materializam relações socioculturais presentes no espaço interagindo com o ambiente construído, constituindo, assim, as ambiências. Para nós as ambiências, mais do que uma forma complexa de compreender os espaços, são elemento essencial na compreensão da relação entre espaço e indivíduo.

Ao aceitarmos que os lugares se constituem das significações atribuídas a eles por meio de subjetividades inscritas em cada grupo cultural, entendemos que cada um desses grupos constrói para si um "lugar de identificação", ou ainda um entendimento do seu "lugar de pertencimento"; em nosso caso o "Lugar Judaico". Os "lugares de identificação", segundo Stock (2006), se estabelecem pela prática dos lugares⁶, a qual entendemos pela vivência, pelos rituais e, pelas ações cotidianas presentes nos

espaços. Então, se as práticas dos lugares constroem “lugares de identificação”, sustentamos que as ambiências que envolvem essas práticas e lugares reafirmam e fortalecem os vínculos do indivíduo com o espaço. Logo, mais do que as ações em seus suportes espaciais, as ambiências têm um papel fundamental na construção das identidades e dos territórios simbólicos.

4 Percursos imaginados: uma etnotopografia através da literatura.

Por adotarmos como objeto de estudo os espaços narrados na literatura, e ainda estarmos alinhados com uma abordagem experiencial, foi necessário desenvolver uma metodologia de pesquisa que nos proporcionasse a aproximação da dimensão sensível com a leitura dos textos propostos e com isso uma vivência aproximada dos espaços narrados.

A metodologia desenvolvida tem como ponto de partida uma “leitura sensível” dos textos literários que proporciona uma aproximação corpo-texto, levando o leitor, por meio de sua memória sensível, a uma experiência sensorial da leitura. Para tanto nos apoiamos em dois teóricos de arte e literatura.

A escritora e crítica de arte Susan Sontag (1964) coloca-se contrária à ideia da “interpretação consciente” da obra de arte, propondo que a direção tomada pela “leitura” da obra de arte, seja ela qual for, deva ser na direção de saber como ela é, e não o que ela significa. “O que é importante, agora, é recobramos os sentidos. Devemos aprender a ver mais, escutar mais, sentir mais. [...] No lugar de uma hermenêutica, precisamos de um erotismo da arte” (SONTAG,1964. p.10, tradução nossa). Nesse sentido, a autora propõe uma aproximação sensível do corpo com a arte, ou com o texto.

Na mesma direção, o teórico em literatura Gumbrecht (2014) defende que textos literários devam ser lidos a partir de uma experiência sensorial – “leitura pelo Stimmung”. A leitura por este princípio, como defende o autor, tem a capacidade de fazer presente em nós uma ambiência de um outro lugar. Ao concentrar-se nas ambiências e atmosferas, o leitor reivindica para si uma vitalidade e proximidade estética de algo distante ou desaparecido. “O objetivo é seguir as configurações da atmosfera e do ambiente, de modo a encontrar, em formas intensas e íntimas, a alteridade” (GUMBRECHT,2014. p.22).

Dessa forma, a partir da leitura sensível, partimos para um “percurso imaginado” que nos leva a vivenciar os espaços inscritos nas narrativas literárias. A metodologia que desenvolvemos tem base no método de análise das ambiências chamado “percursos comentados” (THIBAUD,2002). O “Percurso Imaginado”, está pautado em três etapas: ler, “caminhar”, perceber. Traçamos, através da “Leitura Sensível”, percursos fictícios, caminhadas imaginárias, dentro dos espaços representados nas narrativas. No entanto, ao iniciarmos os percursos, não temos um caminho definido. A partir das leituras, nós lançamos nos espaços propostos. Andamos por eles como “flâneurs” na cidade, cortando caminhos e sentindo suas ambiências.

Assim, por meio desses percursos imaginados, vivenciamos os espaços inscritos em duas obras de Moacyr Scliar, com o intuito de encontrar as significações culturais impregnadas nas ambiências desses espaços, que constroem e consolidam memórias em um processo de “refiguração” da narrativa, estabelecendo uma ideia de um lugar coletivo imaginário, em nosso caso “o Lugar Judaico”.

5 Vivenciando ambiências judaicas na obra de Scliar

Ao se falar do estudo sobre cidades, espaços ou lugares por meio da literatura, é comum verificar o uso de uma literatura de memórias, ou uma literatura viática. No entanto, optamos aqui pelo uso da literatura ficcional, na qual o plano material e o plano imaginário se misturam, acionando memórias vividas e construindo novas memórias. Nesse sentido, o “Lugar Judaico” que buscamos encontrar, tal qual a identidade judaica ou a judeidade, configura-se como um processo em permanente transformação, como um devir, estando sempre em um plano entre o material e o imaginário, colocando-se desta forma entre “ser moderno e voltar às raízes”.

A escolha de Moacyr Scliar, e sua obra, aconteceu principalmente devido à nossa busca pelo entendimento da condição judaica através de uma perspectiva do pertencimento cultural e não de uma perspectiva religiosa.⁷

Filho de emigrantes europeus, Scliar nasce em Porto Alegre e passa boa parte de sua infância no bairro do Bom Fim. Parte de sua educação escolar se passa no Colégio Ídiche, e parte em um Ginásio Católico. Mesmo vivenciando um lugar comunitário judaico, teve contato intenso com a cultura brasileira e sua literatura. Conquistou diversos prêmios e foi nomeado membro da Academia Brasileira de Letras. Scliar é considerado um dos escritores mais representativos da literatura brasileira contemporânea, com temas que passeiam desde a realidade social urbana no Brasil até a medicina. No entanto, não podemos deixar de notar que sua condição judaica é uma das maiores influências de sua obra, incluindo o autor na categoria da literatura judaica contemporânea.

As obras de Moacyr Scliar analisadas na pesquisa nos levam a um passeio pelo bairro do Bom Fim, em Porto Alegre. Os livros “A Guerra no Bom Fim” (SCLIAR,2014), lançado em 1972 e, “Exército de um Homem Só” (SCLIAR,2012), lançado em 1973, carregam consigo uma experiência construída entre memória vivida e a fantasiada pelo autor.

Em “A Guerra no Bom Fim”, Scliar abre sua narrativa nos apresentando um lugar de identidade própria. Lá o Bom Fim era um país independente, lá se vivia de forma diferente. Seus limites eram claros.

Consideremos o Bom Fim um país – um pequeno país, não um bairro de Porto Alegre. Limita-se, ao norte, com as colinas dos Moinhos dos Ventos; a oeste com o centro da cidade; a leste, com a Colônia Africana e mais adiante Petrópolis e as Três Figueiras; ao sul, com a Várzea, da qual é separado pela Avenida Oswaldo Aranha. (SCLIAR, 2014, p.21).

Em uma narrativa que mistura história e fantasia, Scliar retrata a vida dos judeus do Bom Fim, seu cotidiano e os impactos das memórias vividas na Europa e, principalmente, da eclosão da Segunda Guerra Mundial e o avanço das tropas nazistas. Nessa obra de Scliar, as crianças combatem as invasões nazistas e resistem firmemente às tentativas de eliminação dos judeus. A ideia de reunir em um lugar dois tempos distintos marca também um traço interessante da identidade judaica que aqui se revela.

A temática da “des-re-territorialização” (HASBAERT, 2001) vivida nessa obra é compartilhada pela segunda obra de Scliar que analisamos. O mesmo “país”, o Bom Fim, é cenário de “A Guerra de um Homem Só”, onde o Capitão, a personificação do judeu *Estrangeiro* (SIMMEL, 1983), “um homem perseguido, cuja dor seu destino de excluído traz estampada nas suas ações [...]” (SZKLO, 1990. p.64), vive uma tentativa frustrada de criar uma utopia. Nesta obra, vive-se um constante conflito entre o cotidiano do lugar vivido e a expectativa de uma “terra prometida”. O Capitão segue sua vida entre o cotidiano no Bom Fim, no convívio de conhecidos judeus, e o projeto da criação de um núcleo judaico, um lar nacional. Nesse, vive a ilusão de um mundo melhor, entre homens iguais, onde não existam exploradores ou explorados.⁸

Em suas novelas, Scliar evoca precisamente esse momento de ruptura em que a cidadezinha judia, na sua forma tradicional – aqui o bairro do Bom Fim das décadas de 30 e 40 – oscila entre um passado que lhe escapa irremediavelmente e um futuro imprevisível. (SZKLO, 1990, p.70).

Como uma forma de ilustrar os resultados da pesquisa, apresentamos dois trechos da narrativa de Scliar que, acionando uma memória coletiva, apresentam características que atribuem significado aos espaços da vida cotidiana judaica de Porto Alegre, durante e após a Segunda Guerra Mundial.

No primeiro trecho percebemos principalmente uma dupla temporalidade vivenciada nos espaços de vida judaica, mas também é possível verificar referências de uma espacialidade e sensorialidade simbólicas desta cultura:

E de repente chega o domingo. Não se trabalha; não se trabalha sábado nem domingo. Sábado é feriado no país do Bom Fim, domingo é feriado no Brasil. Sábado pela manhã se vai à sinagoga. No domingo a família se aboleta na charrete e vai fazer um piquenique nas Três Figueiras. “Malke Tube” trota com garbo, Samuel canta em iídiche, Joel grita e abana para os amigos, Nathan sorri, Shendl alimenta-os com sanduíches e maçãs. Descem a Rua Fernandes Vieira, tomam à esquerda na Avenida Oswaldo Aranha, passam pela frente do Pronto Socorro, abanam para uma enfermeira – uma mulata vestida de branco –, passam pelo Campo de Polo, pelo Cinema Rio Branco, pelo Campo do Força e Luz. Já estão fora do Bom Fim e, à medida que sobem o Caminho do meio, as casas vão escasseando e o mato começa a surgir. É então que passam pelo palacete dos judeus petrificados. (SCLIAR, 2014, p.54).

A passagem acima nos deixa entender que aos sábados, a vida muda no Bom Fim. O que transforma essa rotina, essa vivência, esse espaço, é um ritual semanal judaico, o *shabat*. Um feriado do “País” do Bom Fim. A sinagoga, representa o lugar de encontro, de ritos e de descanso também. Aos domingos é feriado no Brasil e também não se trabalha no Bom Fim. Mas a ambiência que envolve esse dia é outra. A sinagoga não é, neste dia, uma referência. Aos domingos, as famílias saem a passeio transbordando os limites do Bom Fim, carregando para os espaços de fora suas músicas, sons, comidas e cheiros como se carregassem consigo seus lugares e suas temporalidades. Reconhecendo pelo caminho espaços habitados por judeus que optaram por uma vida fora da comunidade, os “judeus petrificados”, nos remetendo a dualidade entre “modernidade e tradição” e nos mostrando que a crença em um poder divino faz parte da vida dos judeus do Bom Fim.

Assim, a passagem apresentada acima nos leva a olhar para o Lugar Judaico a partir de referências temporais específicas, que se constroem na dualidade entre uma temporalidade judaica e não judaica. Quanto à espacialidade, vemos que esse lugar possui referências e marcos simbólicos próprios delimitando algumas fronteiras, que apesar de tudo podem ser quebradas ou ultrapassadas por características sensoriais. Desta forma, o fato de reconhecer caminhos através de lugares habitados por outros judeus, ter na sinagoga uma referência momentânea, delimita um espaço de pertencimento que parece querer extravasar seus limites por meio de uma sensorialidade que também marca o lugar judaico através de sons (como das músicas, dos sotaques ou palavras em iídiche), cheiros e gostos (de comidas judaicas e europeias).

Em uma outra passagem o sentimento de “estrangeiro”, de não pertencimento, ou ainda de forma mais definitiva o sentimento de ausência, que acompanha o indivíduo judeu é forte referência no Lugar Judaico:

Neste Mar, o Capitão Birobidjan flutua imóvel, meio afogado. Do cais os homenzinhos contemplam-no em silêncio.

A mão de Birobidjan bate em algo duro: a quilha de um barco. Instantaneamente reanimado, ele sobe a bordo do pequeno veleiro.

Não há ninguém. O Capitão prepara-se para partir. Um dia haverá de desenhar-se assim: em pé, na proa, a cabeça erguida, o olhar penetrante sondando a escuridão: um dia, quando houver tempo para a arte. (SCLIAR, 2012, p.5).

A passagem acima retrata o momento de chegada ao Brasil. Os judeus que chegam, em sua maioria de países europeus, parecem se sentir sozinhos, perdidos em um “mar imenso”. Como o Capitão, “flutuam imóveis e meio afogados”. Neste sentido, ao chegar no Bom Fim, os judeus se instalam em uma ambiência de incerteza, imensidão e solidão. No entanto, como a narrativa apresenta, “em pé, na proa, a cabeça erguida, o olhar penetrante sondando a escuridão” o judeu segue em frente

mesmo diante da imensidão e da escuridão, seguindo na tentativa de desbravar esse novo espaço, organizando uma estrutura e uma ocupação comunitária no espaço físico, mas que é reforçada pelas características simbólicas que se estabelecem. Além disso, o apelido da personagem, Capitão Birobidjan⁹, evidencia a imensa ânsia pela "Terra Prometida".

6 A consolidação do lugar imaginário.

Os dois trechos apresentados acima são ilustrações de uma longa análise das referidas obra de Moacyr Scliar¹⁰. A pesquisa que está na base deste artigo verificou que narrativas literárias, mesmo que ficcionais, ao retratar as práticas judaicas dos lugares por meio da descrição de ambiências em suas características sensíveis e culturais, acabam por acionar no leitor uma empatia capaz de trazer à tona memórias coletivas, vividas e construídas. Dessa forma, a literatura faz chegar ao leitor a representação de um território simbólico, imaginado e caracterizado pela cultura judaica.

Por meio da leitura sensível foi possível localizar nas narrativas características como: a temporalidade, que estabelece uma dupla vivência temporal do espaço marcada por um lado com rituais cotidianos e específicos da cultura judaica, e por outro, com rituais cotidianos e específicos de outras culturas; a espacialidade, que estabelece distâncias entre lugares comunitários, rituais e cotidianos, além de estabelecer também fronteiras internas e externas; a sensorialidade, que materializa no espaço uma dimensão sagrada dos rituais judaicos assim como uma dimensão profana das relações cotidianas e interpessoais; e finalmente a sensibilidade, que faz presente nos espaços sentimentos de estranhamento e ausência.

Ao nosso entendimento, o estágio de "refiguração" da narrativa de Scliar, como propõe Ricoeur (1998), faz o leitor reviver e reconstruir memórias comuns a um grupo específico. Esse processo acaba por delimitar um território simbólico reconhecido em diversas localidades, trazendo assim à tona uma noção de um Lugar Judaico Imaginário. Esse Lugar se mantém vivo em um espaço virtual, onde o sentimento cultural está fortemente ligado a suas raízes, encontrando assim um equilíbrio entre "tornar-se moderno e voltar às raízes".

De fato, nossa pesquisa verificou que a territorialidade e a identidade cultural podem ser compreendidas - e até sentida - a partir das ambiências referenciadas pela literatura. Com base nisso, sustentamos que as narrativas não só oferecem importante contribuição nos processos de construção, e preservação de memórias pessoais, coletivas e ainda de espaços e lugares diversos, como ainda se apresentam como uma ferramenta relevante para estudos que propõe um entendimento subjetivo e memorial dos espaços, tão importante nos processos de projeção e transformação da cidade.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo:Ed. Martins Fontes, 1998.

ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo:Companhia das Letras, 2008.

BARTHES, R. Introdução à Análise Estrutural da Narrativa. In: **Análise Estrutural da Narrativa**.Petrópolis-RJ: Ed. Vozes Limitadas, 1976.

BENJAMIN, W. O Narrador. In: **Magia e Técnica, Arte e política**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**.São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

DUARTE, C R., et al. O projeto como metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído. In: DUARTE, Cristiane D. (org.). **O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo**.Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.

FRAMPTON, K. Regionalismo Crítico: Arquitetura e Identidade Cultural. In: **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

GRUMBRECHT, H. U. **Atmosfera, ambiência, Stimmung, Sobre um potencial oculto da literatura**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2014.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à Multiterritorialidade. **Anais do IX Encontro Nacional da Anpur**. vol. 3, 2001.

HALBWACCS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Vértice, 1990.

RICOEUR, P. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp. 2008.

RICOEUR, P. Arquitetura e Narratividade. In. **Urbanisme**. n. 303, nov/dez 1998, pp. 44-51.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. Tomo I. Campinas: Editora Papyrus, 1994

RICOEUR, P. Vivificação Universal e Culturas Nacionais. In : RICOEUR, Paul. **História e Verdade**. Rio de Janeiro, Ed. Forense,, 1968.

SCLIAR, M. **A Guerra no Bom Fim**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

SCLIAR, M. **Exército de um homem só**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

SIMMEL, G. O estrangeiro. In: FILHO, Evaristo Moraes de. (org.). **Sociologia**. São Paulo: Ed. Ática,, 1983.

SONTAG, S. **Against Interpretation**. 1964. Disponível em: <<http://shifter-magazine.com/wp-content/uploads/2015/10/Sontag-Against-Interpretation.pdf>> Acesso em: 23 de novembro de 2017.

STOCK, M. Construire l'identite par la pratique des lieux. In: De Biase A. & Alessandro Cr. "Chez nous ". **Territoires et identit_es dans les mondes contemporains** (pp.144-161), Editions de la Villette, 2006.

SZKLO, G. S. **O Bom Fim do Shtetl: Moacyr Scliar**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.

THIBAUD, J.-P. A Sonic Paradigm of Urban Ambiance. In: **Journal of Sonic Studies**, volume 1, nr. 1. 2011. Disponível em: <<http://journal.sonicstudies.org/vol01/nr01/a02>> Acesso em: 17 de outubro de 2015.

THIBAUD, J.-P. Une approche des ambiances urbaines :le parcours commenté. In: **Espaces publics et cultures urbaines**. Paris, 2002, pp.257-270.

TUAN, Y.-F. (1983) **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel.

WHITE, L. A.; DILLINGHAM, Beth. **O Conceito de Cultura**. Rio de Janeiro: Ed Contraponto, 2009.

1 Sob o título original: "*Towards a Critical regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance*". Inicialmente publicado na Perspectiva: *The Yale Architectural Journal*, em 1982.

2 Nos referimos aqui ao conceito utilizado por Anderson (2008), que apresenta a comunidade imaginada como aquela em que seus membros não possuem um relacionamento face a face. Embora o termo seja utilizado para caracterizar nações referenciadas em um território físico, entendemos que a "comunidade judaica", mesmo espalhada por diversos territórios físicos, constitui-se em referência a um território simbólico.

3 Referimo-nos aqui intuição sensível definida por Kant "Sensível é a Intuição de todo ser pensante finito, ao qual o objeto é dado: ela é, portanto, passividade, afeição" (apud. ABBAGNANO, 1998) A intuição pode ser atribuída ao homem e considerada a experiência como conhecimento de um objeto presente, sendo, nesse sentido, percepção" (ABBAGNANO, 1998. p.582).

4 Como intencional, nos referimos aqui a significações mediadas pela cultura, onde entendemos a cultura como na abordagem de White (WHITE; DILLINGHAM 2009), para quem a capacidade de "simbologizar" envolve a possibilidade de criar, atribuir e compreender significados.

5 O conceito Ambiência Sensível, vem sendo estudado e desenvolvido por uma rede internacional, *The International Ambiances Network*, que pesquisa no campo das ambiências nos espaços urbanos e arquiteturais. A rede busca promover o domínio sensorial nas pesquisas e projetos de espaços habitados.

6 Usamos aqui a tradução direta do termo usado por Stock, em francês, "pratiques des lieux", que se refere aos usos e formas de usos dos espaços. Ver: STOCK, Mathis (2006).

7 Ao buscar o entendimento do equilíbrio entre modernidade e tradição, excluímos a perspectiva religiosa, uma vez que esta em geral tende a isolar-se para manter-se fiel a suas raízes e preceitos.

8 A fantasia de um lugar igualitário faz referência aqui aos ideais *Kibutzianos*.

9 A referência utilizada por Scliar é uma mistura da ideia das colônias judaicas anteriores fundação do Estado de Israel e o movimento Kibutziano; em última instância, Birobidjan representava uma "terra prometida", um Lar Nacional.

10 A pesquisa contou ainda com a análise de obras de outros dois autores da literatura judaica contemporânea.